

O SI-MESMO COMO OUTRO

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, 438 p.

Sibélius Cefas Pereira*

Em março de 1990, é publicada na França a obra em questão de Paul Ricoeur (1913-2005), *Soi-même comme un autre*, que ganha essa nova versão em língua portuguesa, em boa hora, visto que a edição anteriormente disponível vinha esgotada há tempo. Nesse texto, o quase octogenário Ricoeur, voltava ao seu antigo e central tema do *sujeito*, a problemática do si, uma hermenêutica do si-mesmo, agora enriquecido por um extenso percurso filosófico. Sem dúvida pode ser reconhecido como um dos maiores filósofos franceses do século XX e, não obstante suas incursões em diferentes campos e temas, o próprio Ricoeur reconheceu-se pertencente a uma tripla tradição filosófica: a que se põe na linha de uma filosofia *reflexiva*; que permanece na esfera de influência da *fenomenologia* husserliana; e que deseja ser uma variante *hermenêutica* dessa fenomenologia.

Desde o início de sua produção de maior fôlego na década de 1950, no interior de uma reflexão fenomenológica que colocava a questão da consciência e do sujeito, já desconfiava da ideia de um *cogito* autossuficiente. Essa desconfiança só aumenta quando, na década de 1960, empreende o trabalho do que denominou de “enxerto hermenêutico na fenomenologia”, contexto no qual visita as obras dos “mestres da suspeita” (Marx, Freud, Nietzsche), contrabalançando seu pêndulo reflexivo entre uma “hermenêutica da confiança” e uma “hermenêutica da suspeita”. Na realidade não vem só dessas referências esse seu adensamento da categoria do sujeito. Muitos desvios e mediações aí se interpuseram: a visita aos símbolos e mitos, à linguística e à psicanálise, à antropologia e à história, um debruçar-se sobre as narrativas. Um movimento reflexivo que talvez encontre sua melhor tradução em sua conhecida e lapidar expressão do “*cogito* ferido”. Assim, não se coloca nem do lado de um sujeito cartesiano solipsista e autossuficiente nem do lado do pensamento da suspeita na linha

* Doutor em Ciência da Religião pela UFJF e Mestre em Linguística pela UNICAMP, Graduado em Teologia e Letras. Professor da PUC Minas em Poços de Caldas, Departamento de Filosofia, atuando em interface com outros campos. Desenvolve pesquisa (FIP/PUC Minas) sobre o tema “Abertura e diálogo no pensamento filosófico de Paul Ricoeur: ensino de filosofia em diferentes áreas de conhecimento – parâmetros hermenêuticos”. E-mail: sibelius@pucpcaldas.br.

de Nietzsche que apregoa a abolição do sujeito. Esse movimento dialético será celebrizado também nas instigantes categorias do “sujeito falível” e do “sujeito capaz”.

O si-mesmo como outro inseriu e sedimentou conceitos centrais de sua filosofia. De fato a gestação do texto se inicia em 1986 quando pronunciou as *Giffords Lectures* na Universidade de Edimburgo, pouco depois da publicação de *Tempo e narrativa*, e tem mesmo uma relação direta com a grande trilogia sobre a narrativa. Na linha do seu programa filosófico uma primeira intenção da obra é “marcar o primado da mediação reflexiva sobre a posição imediata do sujeito” (p. xi). Uma segunda intenção, “implicitamente inscrita no título da obra por meio do termo ‘mesmo’ [...] é dissociar dois significados importantes de identidade” (p. xiii), *idem* e *ipse*, a identidade como permanência no tempo e a identidade como a dimensão mutável do sujeito. Desta distinção decorrerá a terceira intenção filosófica da obra que é refletir sobre “a dialética entre o *si* e o *outro* que não o *si*” (p. xiv), um caminho original para se pensar o sujeito e se pensar a alteridade.

No esforço de delinear a interrogação central “*quem?*” e a resposta “*si*”, o livro, depois de uma elucidativa introdução que encaminha as perguntas norteadoras, se constrói em dez estudos, organizados em “quatro subconjuntos” que correspondem a “quatro maneiras de interrogar: quem fala? quem age? quem se narra? quem é o sujeito moral da imputação?” (p. xxxi). Como esclarece o próprio Ricoeur, o primeiro subconjunto (estudos I e II) “trata de uma *filosofia da linguagem*, tanto sob o aspecto de uma semântica quanto de uma pragmática” (p. xxxi). O segundo subconjunto (estudos III e IV) “trata de uma *filosofia da ação*, no sentido limitado que o termo assumiu principalmente na filosofia analítica” (p. xxxii), onde são tecidos circuitos de análise “característicos do estilo indireto de uma hermenêutica do si-mesmo, ao contrário da reivindicação de imediatez do *Cogito*” (p. xxxii). No terceiro subconjunto (estudos V e VI) a questão da *identidade pessoal* é formulada no ponto de intersecção das tradições da filosofia analítica e da hermenêutica; esse bloco é o que retoma a questão da identidade no ponto em que foi deixada em *Tempo e narrativa III*, o tema que se tornará clássico de uma “identidade narrativa”, com recursos novos e com um aprofundamento. O quarto subconjunto (estudos VII, VIII, IX) propõe “um último desvio pelas determinações *éticas* e *morais* da ação, relacionadas respectivamente às categorias do *bom* e do *obrigatório*” (p. xxxiii). É neste subconjunto que o tema da imputação se apresenta, bem como a aproximação das éticas aristotélica e kantiana, em diálogo com autores contemporâneos transitando por temas centrais como autonomia, solicitude e justiça. O

décimo estudo, de caráter mais exploratório, encaminha-se rumo a uma possível ontologia que interroga sobre “o modo de ser do si-mesmo, que espécie de ente ou entidade é ele?” (p. 349).

Não é uma obra fácil. Ao estilo de Ricoeur faz o percurso por análises detalhadas e cativantes com longos e densos desvios – filológicos, epistêmicos e reflexivos –, para só então oferecer ao leitor suas intuições exuberantes e toda a originalidade das novas categorias. Ressaltemos alguns de seus elementos. A passagem do “quê” da ação para o “quem”. Da ação ao agente, efetivamente uma semântica da ação. O equacionamento do tema da Identidade lançando mão das categorias da mesmidade/ipseidade, possibilitando assim uma dialética que reconcilia o que permanece e o que está em constante mudança nisto que define um eu, um sujeito. Também o tema identidade narrativa, intuído no fim da grande trilogia *Tempo e narrativa* e aqui levado a frente em todo o seu poder heurístico. Igualmente não se pode deixar de ressaltar o projeto de reconciliar a ética aristotélica como a busca do bem viver/da vida boa (teleológica) com a ética kantiana do dever (deontológica). Certamente são os dois filósofos mais trabalhados ao longo da obra, o que talvez confirme a hipótese de que talvez sejam suas maiores referências, junto a Husserl. Também é preciso enfatizar que é nesta obra que Ricoeur explicita uma proposta ética, a qual modestamente denominou de sua “pequena ética”, sintetizada na feliz e lapidar expressão: “Viver bem com e para o outro em instituições justas” (p. 186). A estima de si e a solicitude, como norma moral e como sabedoria prática. Uma ética que transita por categorias como solicitude, amizade, mutualidade, instituições justas. E, por fim, ressaltemos a categoria da atestação, que, já sendo rica neste livro, ganhará um fulgor ainda maior em seus estudos sobre *O justo* em diálogo com o direito e sobretudo na monumental obra *A memória, a história, o esquecimento* que será publicada em 2000.

Trata-se de uma obra cerrada, fincada em textos filosóficos de fôlego, que vão de Aristóteles a Kant, chegando a Levinas, Arendt e Rawls numa lista infinita, o que, contudo, não impede Ricoeur de oferecer generosamente ao leitor, em um ou outro momento do texto, uma análise reveladora e surpreendente como, por exemplo, a propósito da reflexão sobre o respeito às pessoas no contexto do capítulo sobre a relação do si-mesmo com a sabedoria prática, a discussão que faz sobre “a vida terminal” e a “vida inicial” (p. 312).

Outro horizonte que perpassa a obra é um diálogo com Levinas, um “combate amoroso”. O pensamento desses dois grandes expoentes da fenomenologia na França possui muitas semelhanças, uma dessas é o tema em questão. Mas, se a ética levinasiana encontra seu ponto de partida e origem no outro que me interpela, na face do outro que me convoca, Ricoeur propõe restaurar uma força maior ao sujeito que age em direção ao outro, restabelecer

uma posição mais determinante para o eu. Assim, além dessa interpelação para a responsabilidade que me vem do outro, e mais importante ainda que “a obediência ao dever”, propõe que é “importante conferir à solicitude um estatuto mais fundamental”, que para ele “é o de uma *espontaneidade benevolente*, intimamente ligada à estima a si mesmo no âmbito da visada da vida ‘boa’” (p. 209).

Uma ressalva que se poderia levantar é quanto ao seu método de trabalho, suas famosas mediações e desvios por inúmeras obras e referências, levando o tema a um grau tal de complexidade que alguns entendem como exagerado e desnecessário, o rigor extremo de um professor de filosofia, sobretudo o desvio trabalhoso que faz pela filosofia analítica, para um leitor que busca a reflexão ética do grande filósofo da hermenêutica. E aqui é preciso situar o diálogo que faz com a filosofia analítica: a inserção no ensino norte-americano onde foi, pelo menos durante certo tempo, mais reconhecido do que na própria França; e o dado mais imediato de estar falando para um público anglo-saxão, ao seu estilo, uma espécie de generosa e gentil concessão ao seu interlocutor. Ainda em sua defesa poderíamos ressaltar que esta metodologia por ele conscientemente assumida e sempre reafirmada é que, por fim, acaba mesmo sendo o seu diferencial e que torna seu texto inconfundível e particularmente interessante, alternando a erudição de um rigoroso léxico filosófico com abundantes esclarecimentos exegeticos e reflexivos e a graciosidade de um vocabulário propriamente seu. Cabe ao leitor avaliar, desde que aceite o convite a expor-se à leitura deste texto, a expor-se diante deste texto, a abrir-se ao “mundo do texto” oferecido pelo filósofo.

É uma obra que se endereça ao meio filosófico em geral, mas certamente de um interesse maior para estudiosos da ética, da temática da subjetividade/identidade e também interessados no tema da narrativa. O texto veio a se tornar uma das grandes obras de Ricoeur, mais um marco em sua vasta produção. Impossível numa pequena resenha faz jus à riqueza da obra, em seus vários níveis de discussão, com análises penetrantes, uma meditação filosófica construída lenta e trabalhosamente ao longo de quase quinhentas páginas, num diálogo com uma vasta comunidade de ilustres pensadores.

Por fim, ressalte-se o trabalho louvável da editora em questão de vir publicando no Brasil importantes obras de Ricoeur, dentre as quais o presente volume. Não se trata de uma edição crítica voltada para especialistas, mas oferece um texto qualificado em uma edição cuidadosa, possibilitando ao leitor brasileiro, sobretudo ao meio acadêmico, o acesso a essa obra difícil mas imprescindível.